

A Iconografia Musical nos murais cerâmicos das ruas de João Pessoa, PB: olhares transversais da cultura popular na arte *naif* de Clóvis Júnior

Amarilis Rebuá de Mattos
Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira
Alba Lígia de Almeida Silva
Universidade Federal da Paraíba

1. Introdução

Quem passa pelas ruas de João Pessoa se depara com obras de arte em frente dos edifícios e estabelecimentos comerciais. Existem diferentes tipos de arte como esculturas em gesso ou cimento brancas, outras com materiais como ferro. Uma série dessas obras se destaca pela beleza, colorido e diversidade de cenas da cultura popular nordestina e de costumes da própria cidade de João Pessoa. Estas são as obras do artista plástico paraibano Clóvis Júnior (1965), natural da cidade de Guarabira - PB, e estabelecido nesta capital há mais de quatro décadas. O material utilizado nestes murais nas de rua são feitos em azulejaria cerâmica. Em sua maioria possuem iconografias musicais e são representações de momentos da cultura paraibana, como o bloco carnavalesco tradicional o “Boi do Bessa” e das festas de São João.

A presença destas obras em frente ou nas fachadas dos edifícios se dá devido à uma lei municipal que aborda a arte nas ruas, como a Lei nº 5.738 de 29/08/1988, *Obra de Arte nas Edificações*, que trata da obrigatoriedade da existência de obras de arte em edificações em João Pessoa. Esta estabelece que “edificações com áreas de construção entre 1000m² e 2000m² devem conter obras de arte em locais de destaque, seja interna ou externamente à edificação”.

Sobre a arte de Clóvis Junior, os professores Richard Sansone e Steven Cunningham, consideraram sua obra como um êxtase barroco, “uma arte que brilha com pássaros, animais, peixes, frutas, árvores e anjos, que naturalmente coexistem numa sintonia de cores vivas, até escandalosas, mas que nunca chocam nem incomoda”. Há na arte do mestre “uma profundidade inexplicável de duas dimensões. É uma explosão de cores e criaturas dividindo um alegre ecossistema equilibrado”.

De acordo com Paulo Cheida Sans, a criatividade na obra de Clóvis “nasce facilmente recriando imagens que marcaram a sua infância com elementos atuais de convívio”.

A obra de Clóvis reflete o ápice da natureza humana. Mostra o homem disposto a servir. A amizade, a sinceridade e a paz que parecem estar de modo assíduo neste mundo proposto. O artista é direto, não se preocupa em iludir o espectador com recursos de claro e escuro. A figuração é baseada em contornos e cores definidas. A alegria, a esperança, a festa, a satisfação de viver pertencem às cenas propostas por Clóvis. O artista nos apresenta um mundo calmo, sem corrupção e sem maldade. A obra nos mostra um sonho que gostaríamos que saísse das telas e que nos envolvesse no dia a dia. (SANS 2023)

De acordo com Michele Vasconcelos de Brito, a pintura de Clóvis Júnior nasce de suas invenções do espírito, onde seres reais e imaginários formam uma geração híbrida. Este realismo fantástico é o que sua arte *naif* proporciona.

Seus painéis em mosaico que correm metros contam nossa vida, mostram nossos melhores sonhos, suas inspirações de um tempo em que muitos de nós já passamos ou vivemos. Obras, muitas delas possuem uma simbologia, uma irreverência e quando essa salta confunde-se com realidade e imaginário. (BRITO 2022)

Casimiro Neto, poeta e escritor, conhecedor da obra de Clóvis desde o final da década de 1990, delinea as qualidades deste artista, que acompanha a evolução deste artista, menciona a diversidade de materiais que passou a usar para imprimir a sua obra.

Sua técnica, acrílico sobre tela, agora está também em murais cerâmicos, publicações, camisetas, estampas e panos de festivais e festas populares, e também em variadas peças e objetos de arte, com o intuito e vontade expressa de colocar na rua sua arte popular e colorir a todos sem distinção de classe, credo ou etnia. (NETO 2023)

A obra de Clóvis Júnior não apenas exhibe sua maestria artística, mas também reflete sua essência como cronista visual da cultura popular nordestina. Cada mural e peça de azulejaria não é apenas um conjunto de formas e cores, mas um portal para histórias que interligam o passado e o presente. Através do uso de elementos como o caju, os instrumentos musicais e os ícones das festas, ele constrói narrativas que transcendem o espaço físico das cidades. A catalogação dessas obras é, por sua vez, uma tentativa de manter viva essa conexão, permitindo que futuros admiradores compreendam o impacto cultural e social que sua arte exerce.

2. Fundamentação teórica e metodologia

Este artigo visa analisar as iconografias musicais existentes em murais em azulejaria cerâmica colorida nas fachadas de edifícios ou decorações de paredes de estabelecimentos comerciais espalhados pelas ruas da cidade de João Pessoa, Paraíba.

Os conceitos apresentados por Erwin Panofsky no seu trabalho *Significado nas Artes Visuais*¹, irão permear o processo de identificação e descrição das iconografias, fornecendo assim os fundamentos para a interpretação iconológica de seu significado intrínseco nos elementos visuais que compõem a expressão da arte naïf de alegria estampada nas obras do artista paraibano Clóvis Júnior (Guarabira - PB, 1965) devidamente contextualizada. Os conceitos de iconografia e iconologia, orientam o estudo de Panofsky, que apresenta uma percepção não apenas simbólica cultural, mas também histórica². Ele define Iconografia como a descrição e classificação das imagens, sugerindo um método de proceder puramente descritivo, ou até mesmo estatístico, estabelecendo datas, origem e autenticidade, permitindo o marco necessário para interpretações posteriores. Por sua vez, a palavra Iconologia, segundo o mesmo autor, sugere algo interpretativo, advindo da síntese mais do que da análise.

Para Panofsky podem ser definidos três momentos altamente interdependentes no ato interpretativo: a) a leitura da imagem no sentido fenomênico; b) a interpretação de seu significado iconográfico; e c) a compreensão do seu conteúdo e significado mais profundo³. Assim as ideias de Panofsky sobre os três níveis da compreensão da história da arte podem ser expressos nos seguintes termos:

1. Primário, aparente ou natural. Este é o nível mais básico de entendimento e consiste na percepção da obra em sua forma pura, despojada de qualquer conhecimento ou contexto cultural. Este estágio equivale a uma ordenação de motivos artísticos, ou seja, à descrição pré-iconográfica.

2. Secundário ou convencional. Este nível avança um degrau e traz a equação cultural e conhecimento iconográfico. É apreendido quando um conceito é associado aos motivos artísticos, ou seja, quando se reconhece num motivo artístico um significado determinado por convenção. Diz respeito ao domínio daquilo que identificamos como imagens, histórias e alegorias.

3. Significado intrínseco ou conteúdo (Iconologia). Este nível é identificado como a camada da essência. Leva em conta a história pessoal, técnica e cultural para entender uma obra. A arte deixa de ser um incidente isolado, mas um produto

1 Erwin Panofsky, *Significado nas Artes Visuais* (São Paulo: Perspectiva, 1976).

2 Panofsky, *Significado nas Artes Visuais*, 47-84.

3 Panofsky, *O sentido das artes visuais*. 2ª. ed. [trad: Maria Clara F. Kncese] (São Paulo: Perspectiva. 1979), 49.

de um ambiente histórico. O significado intrínseco “é apreendido pela determinação dos princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, de um período, classe social, crença religiosa ou filosófica – qualificados por uma personalidade e condensados numa obra”.⁴

Desta forma, para realizar uma análise iconológica, o pesquisador deverá investigar outros documentos que testemunhem as tendências políticas, poéticas, religiosas, filosóficas e sociais da personalidade, período ou país investigado. Panofsky apresenta uma metodologia fincada nos três níveis de análise, que são baseados na descrição pré-iconográfica, análise iconográfica e interpretação iconológica, ou seja, a compreensão da fonte visual. Segundo Panofsky, a análise temática deve ser iniciada através da observação do objeto artístico. No nível denominado pré-iconográfico é feito um reconhecimento da obra no sentido da identificação primária do tema, recorrendo à experiência prática⁵, onde se descreve em termos formais, o significado primário presente na imagem observada. Este olhar é fundamental, sendo uma das bases para a sua boa compreensão simbólica contextual posterior.

No segundo nível proposto por Panofsky é realizada a análise iconográfica propriamente dita, no qual o objetivo é discutir o conteúdo temático da obra. Para obter essa compreensão é necessário recorrer às tradições culturais, às fontes literárias da época (ou de épocas a ela vinculadas), a símbolos e alegorias⁶. No terceiro nível de observação, a obra de arte é compreendida como documento histórico. A análise é feita através da observação da obra na época e no contexto na qual ela foi concebida. O que diferencia a iconografia da iconologia é o tipo de análise, pois a primeira apenas classifica a imagem visual, enquanto a última investiga, compreende, ordena e por meio de um juízo, traz à luz seus nexos históricos. De acordo com Argan, o método iconológico de Panofsky é uma investigação histórica, pois “reconstrói o desenvolvimento ou o percurso das tradições da imagem”⁷.

Segundo Casimiro, este método, em sua plena aplicação permite interpretar a história representada e compreender o significado dessa história no contexto em que foi criada. Isso pressupõe conhecer o comitente, o local original para onde a iconografia foi realizada e o programa iconográfico aonde se deveria inserir.⁸ Este tipo de análise iconográfica e iconológica foi utilizado outrora por uma das autoras

4 Panofsky, Significado nas Artes Visuais, 52.

5 Panofsky, *Significado nas Artes Visuais*, 55.

6 PANOFSKY, 58-62.

7 Giulio Carlo Argan, *História da Arte como História da Cidade*. (São Paulo: Martins Fontes, 1992), 52.

8 Luís Alberto Casimiro, “A anunciação do Senhor na pintura quinhentista portuguesa (1500 -1550) : análise geométrica, iconográfica e significado iconológico.” (Universidade do Porto, 2004), <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/18025>.

deste artigo⁹. Assim sendo, o desenrolar esta pesquisa visa discutir a catalogação abrangente e análise da Arte de Rua e iconografia de Clóvis Júnior. Existe a necessidade de descrever, documentar e fotografar várias obras, tanto musicais quanto não musicais, localizadas em espaços públicos e locais internos. Esta tarefa envolve criar uma retrospectiva das exposições de Clóvis Júnior, identificando e analisando obras específicas, como o ‘Boi do Bessa’, bloco carnavalesco de João Pessoa, sua reprodução em azulejaria, compreendendo também os elementos temáticos de outras festas populares como São João, suas danças, instrumentos musicais e animais retratados em sua arte. Através de análise minuciosa, buscar-se-á identificar determinados padrões no uso de elementos como: os instrumentos musicais retratados, animais e frutas, particularmente a significância do caju no ‘Boi do Bessa’, verificando a constância desses elementos nas obras identificadas. Através desta análise detalhada será possível entender a coerência e evolução dos temas artísticos de Clóvis Júnior. Por fim, buscaremos mapear as localizações dessas obras na cidade de João Pessoa.

3. Objetivos

Neste contexto, os objetivos traçados incluem:

- Fotografar as obras de Arte de Rua de Clóvis Júnior, garantindo dois momentos tanto de dia quanto à noite, ordenando cronologicamente os murais cerâmicos, identificando seus temas principais.
- Identificar e analisar as reproduções em azulejaria do ‘Boi do Bessa’ em seus respectivos anos, verificando a presença diversos elementos nele contidos e sua evolução ano a ano, e a representação de instrumentos musicais nesses murais.

4. O Artista Clóvis Júnior

O paraibano da cidade de Guarabira, Clóvis Dias Júnior, nasceu em 1965 e desde 1982 estabeleceu-se em João Pessoa, onde desenvolve até os dias atuais sua vida e carreira artística, dedicando-se à arte Naif e explorando diferentes linguagens como a pintura, a escultura e a gravura.

Na década de 1980, ingressou no curso de Educação Artística da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), período em que teve contato com a técnica da gravura em metal sob a orientação de Hermano José. Sua trajetória expositiva iniciou-se em 1983, aos 18 anos, com a primeira mostra realizada na Biblioteca Central da UFPB. Nesse momento, passou a assinar suas obras como “Clóvis Júnior”, consolidando gradualmente sua identidade no cenário das artes visuais, tanto em

⁹ Mattos, Amarilis Rebuá. *A iconografia musical nas igrejas do Carmo do nordeste brasileiro: um estudo preliminar*. Anais 2º CBIM. Salvador, 2015.

âmbito nacional quanto internacional. Nesse universo,

os desenhos sempre fizeram parte da sua vida, seja através das leituras de histórias em quadrinhos, ou por meio das releituras dos personagens dessas histórias. Em 1985, ingressou no Curso de Educação artística da UFPB e fez o curso de gravura com o professor e mentor Hermano José. Nesse período, o artista intensificou os seus estudos de desenhos e cores com a orientação do professor Hermano, e passou a conhecer os artistas emergentes e aqueles (as) que já se destacavam em seus estilos. Clóvis Júnior trabalha com pinturas (em tela e em cerâmica), gravuras e com esculturas em pedra. No ano de 1994, a partir de uma conversa com Cassandra, sua esposa, surge a ideia de fazer um bloco carnavalesco ecológico, visando conscientizar os moradores sobre a crescente derrubada dos cajueiros. O bloco tem um boi com chifres de caju como símbolo. (ASSEMBLEIA... 2024, 1)

Quase duas décadas depois, em 2013, o bloco alcançou 19 anos de existência, reunindo a cada edição um número crescente de foliões. As obras do artista, marcadas pelo estilo *Arte Naïf*, destacam-se pelo uso de cores vibrantes e por temáticas fortemente ligadas às festas populares, à religiosidade e às referências de sua terra natal. Elementos como caju, bois e pássaros tornaram-se recorrentes em suas composições, refletindo também sua vivência no bairro do Bessa, local escolhido para residir e que inspira parte significativa de sua produção artística.

Figura 1: Clóvis Júnior



Fonte: @clovisdjuniior (2025)

5. Catalogação da Arte de Rua de Clóvis Júnior

No catálogo comemorativo em homenagem aos 40 anos de arte *naif* de Clóvis Júnior, intitulado de *Clóvis Júnior, guardião da natureza em viva cor* (2023), sete murais cerâmicos foram registrados e apenas três identificando o local onde se encontram: o primeiro no SESC – Cabo Branco – PB (2012), sendo que este mesmo mural foi reproduzido da praia de Manaíra (2011); o segundo, do acervo do Tribunal de Justiça da Paraíba (2012); e o terceiro, no painel em cerâmica no Cabo de Santo Agostinho - PE. Os outros quatro serão aqui registrados, embora ainda não tenha sido possível saber onde estão localizados.

Tabela 1: Obras registradas em *Clóvis Júnior, guardião da natureza em viva cor* (2023)

	Data	Título	Tamanho	Localização
01	2010	O Boi do Bessa	140 x 80	40 Anos de Arte Naif de Clóvis Júnior
02	2010	Violeiro (Séria Azul)	102 x 136	40 Anos de Arte Naif de Clóvis Júnior
03	2012	Frida Khalo (série azul)	140 x 104	40 Anos de Arte Naif de Clóvis Júnior
04	2012	Violeiro, percussionista e outros	330 x 220	40 Anos de Arte Naif de Clóvis Júnior
05	2013	Temas diversos	170 x 374	40 Anos de Arte Naif de Clóvis Júnior - TJPB
06	2016 ?	Cabo de Santo Agostinho - PE	-	40 Anos de Arte Naif de Clóvis Júnior

Fonte: Pesquisa Amarilis de Rebuá

Neste trabalho iremos focar nas iconografias musicais, identificando também aquelas não musicais. Portanto, foram localizadas nove iconografias musicais, uma relativa à música, apresentando a dança da Ciranda e um retrato de mulher, porém sem relação nenhuma com a música. Assim, se faz necessário registrar as obras de Arte de Rua de Clóvis Júnior, resultado da presença dos murais em azulejaria cerâmica colorida nas fachadas de edifícios ou como decoração de paredes em estabelecimentos comerciais espalhados pelas ruas da cidade de João Pessoa, Paraíba.

Tabela 2: Relação das Artes de Rua de Clóvis Junior localizadas em João Pessoa

	Data	Nome	Tamanho	Localização
01	2011	O Boi do Bessa da praia de Manaíra	204 x 204	Enseada Residence, 995 - Manaíra (SESC-PB)
02	2011	O Boi do Bessa da UPA Oceania	390 x 210	Av. Gov. Flávio Ribeiro Coutinho, 70 - Aeroclube
03	2012	Uma festa no Res. Garcia Lorca	240 x 150	R. Prof. Álvaro Carvalho, 100 - Tambauzinho
04	2012	O Boi do Bessa no Oasis Plaza	300 x 200	R. Severino Nicolau de Malo / R. Joakim Schuler
05	2015	Uma Ciranda no SINCREDI	330 x 210	R. Profa. Severina de Souza Souto, 83 - J. Oceania
06	2016	O Boi do Bessa do Hotel Manaíra	150 x 540	Av. Gen. Edson Ramalho, 1131 - Manaíra
07	2017	Retrato de mulher (série azul)	120 x 60	Infinity Tambaú Residence 380
08	2019	Violeiro e vendedor de Cajú	330 x 180	Hotel ANNAMAR PREMIUM
09	s/d	Uma festa (obra danificada)	380 x 200	Av. Guarabira com/?
10	s/d	Sereias e Violeiros	180 x 240	HC Hotel na praia de Manaíra
11	s/d	Torre em Festa	480 x 160	R. Sidney Clemente Dore - Maison Elysée 225

Fonte: Pesquisa Amarilis de Rebuá

Análise do ‘Boi do Bessa’ e os murais em cerâmica

No sábado que antecede o Carnaval, os moradores se reuniam numa antiga e grande palhoça que existia no final da praia do Bessa, em João Pessoa. A festa começava pelo meio-dia e no final da tarde, saíam em carreata, seguindo a bandinha carnavalesca e o alegre Boi que possui dois Cajus em seu chifre. O cortejo seguia pela praia até ao antigo Iate Clube e depois se dispersava. Com o tempo, com a ingerência do Estado, perdeu um pouco da sua originalidade, e este bloco passou a se concentrar na Praça do Cajú, onde permanece até hoje.

Sobre o Boi do Bessa, Brito busca descrever o inconsciente do pintor ao fazer os estandartes deste Bloco Carnavalesco nascido de uma brincadeira dos moradores do Bairro do Bessa.

Seu consciente transcende a razão e brinca como homem e menino, porém todos recebem vida na ponta do seu pincel e seu ápice chega no carnaval. Seu

encantamento vira realidade e todos vão à rua para vê-lo passar. Agora já não é o pintor, é o fazedor de cultura popular, o Boi do Bessa. Como todo mestre, ele agora é o dono da brincadeira que leva seus folgozões para as ruas num cortejo de arte e alegorias. Ele é um defensor da tradição. Apesar da nossa terra ser tão árdua, muitas vezes o seu sol aparece de uma beleza infinita nas histórias por ele pintadas. (BRITO, 2022)

O Boi do Bessa foi confeccionado em 1999, conforme informa o pequeno estandarte assinado pelo artista da foto a seguir. Ele é uma estrutura em madeira com uma cabeça de boi com chifres ornamentados com um caju e fitas coloridas. Seu corpo é envolto em um tecido que cobre seu interior, e possui motivos de blocos carnavalescos de João Pessoa e de Recife. A presença do caju como ornamentação é devido ao fato do bairro do Bessa ter sido inteiro arborizado com cajueiros, sendo muitos deles nativos ou segundo contavam os antigos moradores, ainda eram da época que os índios aqui abitavam. Hoje existem muito poucos cajueiros nesse bairro. Outro motivo é devido ao ateliê de Clóvis Junior estar localizado nesse bairro e nas proximidades da Praça do Caju.

Figura 2: Boi do Bessa e a bandinha de 2025



Fonte: Fotos de Amarilis de Rebuá

Na pintura estampada no tecido lateral, podemos identificar o próprio Boi do Bessa, com um músico tocando trompete, pois a banda que acompanha este bloco é formada por percussão e instrumentos basicamente de metais, como

trompete e trombone. É possível identificar duas figuras, como um casal, com guarda-chuvas coloridos, típicos do frevo pernambucano, o Homem da Meia-Noite, o Galo da Madrugada, estandartes, pássaros, uma igreja e um anjo voando sobre esta festa animada e colorida.

Figura 3: Estampas laterais do *Boi do Bessa*



Fonte: Foto de Amarilis de Rebuá

4.1. O Boi do Bessa e o Violeiro (2010)

Dois murais cerâmicos de 2010 ainda não foram localizados nas ruas de João Pessoa: O Boi do Bessa e o Violeiro da Série Azul. O Boi do Bessa foi a primeira imagem estampada em cerâmica com pinturas em azulejaria. Este mural, além do Boi, pássaros e caju, teve o acréscimo da Sereia do Bessa, um músico tocando viola e um possível gato. Como se trata de um animal estilizado e imaginário, pelo comportamento dele, no colo da sereia e segurando uma de suas mãos, nos remete à um animal dócil e carinhoso, que no caso, parece um gato. O Violeiro possui a maioria das figuras em tonalidades de azul e preto. O mural se compõe de duas mulheres, um homem, dois pássaros um animal estranho, que pode ser um veado, e vários caju. Poucos elementos possuem outra cor, como o amarelo que circunda a figura central, dando destaque à mesma. Os caju e o chapéu do violeiro são em cor magenta. Os lábios das três pessoas são levemente rosados, assim como o rosto e as mãos de uma das mulheres. O violeiro se destaca no centro da imagem com o chapéu magenta e o cabelo amarelo. Ainda não foi localizada esta cerâmica na cidade.

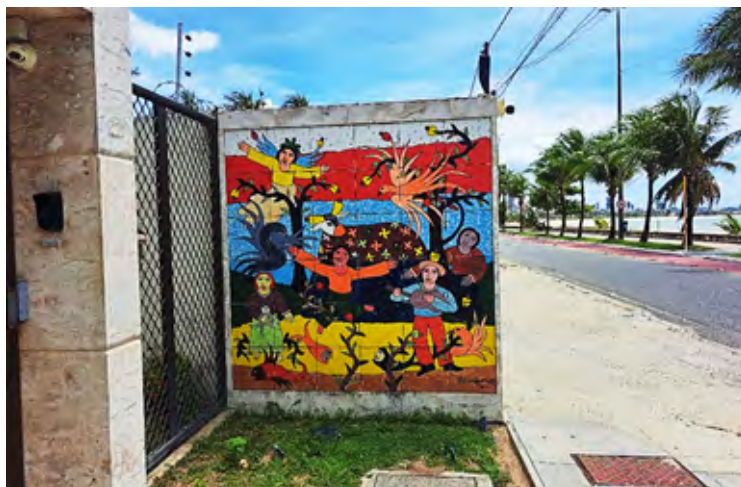
Figura 4: *O Boi do Bessa* (140 x 80 cm) e o *Violeiro* (104 x 136 cm)

Fonte: Catálogo *40 Anos de Arte Naïf de Clóvis Júnior*

4.2. *O Boi do Bessa da Praia de Manaíra e o da UPA Oceania (2011)*

Foram localizadas duas obras cerâmicas de 2011 com o mesmo motivo do Boi do Bessa, sendo que em cada momento outros personagens foram sendo inseridos nos murais. O primeiro está localizado na praia de Manaíra, na altura do número 995, no Enseada Residence. Nele podemos ver o Boi bem ao centro, um músico violeiro, brincantes, pássaros e peixes. Alguns com uma fisionomia de ser humano e outros não. O diferencial neste mural é uma faixa azul como pano de fundo para os dois cajueiros que estão visivelmente plantados em terra fértil e verde. A faixa azul possui a parte superior pontilhada de branco e outras tonalidades de azul, enquanto a parte inferior deste azul, junto ao verde, é mais escuro e liso. Pela localização deste mural pode-se imaginar que o pintor fez a diferença do azul do céu, pontilhado de nuvens e o mar. De acordo com o Catálogo *40 Anos de Arte Naïf de Clóvis Júnior*, existe uma reprodução deste no SESC- Cabo Branco. Na parte inferior do mural vemos o violeiro e os peixes com fisionomias humanas. (Figura 6)

Figura 5: O Boi do Bessa da praia de Manaíra (204 x 204 cm)



Fonte: Foto de Amarilis de Rebuá

Figura 6: Detalhes do Boi da praia de Manaíra



Fonte: Foto de Amarilis de Rebuá

O segundo mural se encontra na fachada da UPA Oceania, localizada na Av. Gov. Flávio Ribeiro Coutinho, nº 70 – Aeroclube, no “Retão de Manaíra”, apelido que o povo deu à esta avenida.

Figura 7: Vista noturna do Mural da fachada da UPA Oceania (390 x 210cm)

Fonte: Foto de Amarilis de Rebuá

Neste enorme mural, encontramos novos elementos, tais como o vendedor de peixes e frutos do mar, a Sereia, barcos diversos, podendo ser a remo ou com velas triangulares semelhantes às das jangadas. Nesta imagem, aparecem dois personagens com etnias definidas, pois apresentam a cor da pele mais escura: o músico violeiro e o vendedor de peixe. Desta vez, a viola que o músico está tocando, possui duas cores diferentes e tem a parte redonda no centro do instrumento. Quatro figuras estão no centro da pintura. Da esquerda para a direita, vemos um casal, depois o violeiro, seguido de uma mulher com o filho nos braços e o vendedor ambulante. Os outros elementos circundam estas figuras centrais e aparecem em tamanho menor. O interessante deste mural é que aparecem dois braços d'água. O inferior, de um azul mais escuro está permeado de casinhas, ao passo que o segundo, com duas tonalidades de azul, na parte superior da pintura, tem quatro barcos a vela e uma lua cheia bem no centro da pintura. Desta vez a tonalidade do azul está invertida. A presença da lua sugere que é noite, e o azul claro passa a ser o mar e o escuro o céu noturno. Agora vem a pergunta: por que dois braços d'água? O Bairro do Aeroclube e do Bessa possuem dois braços do rio Jaguaribe que desembocam no mar. É possível que o autor possa ter se lembrado disto e imortalizado neste mural, que possui o nome de Oceania, assim como o Bairro Jardim Oceania, próximo deste lugar.

4.3. Uma Festa no Garcia Lorca e o Boi do Bessa do Oasis Plaza (2012)

Em frente ao Residencial Garcia Lorca, localizamos um mural cerâmico, que eu intitulei *Uma Festa* de 2012.

Nela podemos verificar que a figura de um violeiro se encontra bem no centro da pintura, usando um chapéu cor-de-rosa. Existem duas pessoas a seu lado estão com papéis na mão, como se fosse um livro ou um programa que estavam seguindo. Uma outra moça está com uma cesta de frutas, possivelmente, cajus, em um deles percebe-se o formato desta fruta. Outras duas pessoas com os braços abertos, demonstram alegria. Diversas aves, permeiam essa festa, onde duas, em vermelho e rosa) voam no alto e duas azuis voam próximo ao chão. Uma terceira ave rosa e vermelha aparece se esconder uma atrás da moça com cesta de frutas. Por trás dessa cena, um pé de caju reina, com duas aves nele entrelaçadas.

Figura 8: *Uma festa* no Residencial Garcia Lorca (2012) (240 x 150 cm)



Fonte: Foto Amarilis de Rebuá

O mural 'Boi do Bessa', localizado na esquina do Edifício Oasis Plaza, na R. Severino Nicolau de Mello com a R. Joakim Schuler, O mural é dividido em duas colunas, criando uma ilusão de ótica onde as imagens parecem conectadas quando vistas de longe. Este mural é único.

Figura 9: Mural ‘Boi do Bessa’ do Ed. Oasis Plaza (300 x 200 cm)



Fonte: Foto Amarilis de Rebuá

Formado por cerâmicas de 20x20 cm sendo 5x15cm em cada parte, totalizando duas partes de 300x100cm, que juntas formam uma imagem única 300 x 200 cm. A coluna da esquerda apresenta uma lua vermelha, uma jangada entrelaçada com galhos de cajueiro simbolizando a árvore da vida, e várias figuras incluindo mulheres, um homem segurando um caju e pássaros. A coluna da direita contrasta com uma lua amarela, mais pássaros e pessoas em uma jangada. Inclui também uma casa, corpos d'água e o Boi do Bessa sem o caju no chifre, ao contrário do original. O mural também retrata um músico com um caju na cabeça e uma pessoa se divertindo. Na parte inferior das duas colunas podemos ver as “Sereias do Bessa.” A data do mural está bem nítida: 2012. A descrição iconográfica enfatiza os elemen-

tos culturais e naturais representados no mural, como os cajueiros prevalentes em Bessa e o significado da árvore da vida, assim como o Boi, o Violeiro, as Jangadas e as Sereias.

4.4. A Ciranda: uma iconografia Relativa à música (2015)

A Ciranda do SINCREDI é uma obra muito interessante. Ela não tem nenhuma iconografia musical, porém, por se tratar de uma ciranda, uma dança, é uma obra relativa à música. Nela aparecem seis pessoas dançando de mãos dadas. Uma pessoa está dentro da roda e outra do lado de fora. Esta, como está de calça comprida, pressupõe-se tratar de um homem. Este carrega um pedaço de pau, ou algo parecido. Isto poderia ter sido um instrumento musical que o autor não terminou, ou alguém que está comandando a dança, como se fosse um maestro. Na ciranda, muitas vezes fica uma pessoa do lado de fora, que tem relação com a pessoa que está do lado de dentro da roda. A pessoa de dentro da roda, pressupõe-se ser uma mulher por estar vestida de saia, e está com as duas mãos levantadas dando a impressão de estar segurando a lua. E, ao mesmo tempo, é como se ela fosse uma árvore, porque entrelaçados em seus braços, estão os galhos de uma árvore. O chão está cheio de galhos de pequenas mudas de cajueiros plantados. Foram identificados pelo menos quatro pássaros. Dois azuis, um todo pintado e um amarelo. Os pássaros azuis estão voando neste céu noturno, porque se percebem as estrelas e eles estão dançando à luz da lua.

Figura 10: Ciranda (330 x 210 cm)



Fonte: Foto Amarilis de Rebuá

4.5. O Boi do Bessa do Hotel Manaíra (2016)

O Boi do Bessa, do Hotel Manaíra, de 2016, é um painel muito grande, exibido de forma proeminente na frente desse hotel, na entrada da garagem. Este inclui vários pássaros, um céu estrelado e uma paisagem com o mar, areia e vegetação. O painel é notável por sua iluminação vibrante e detalhes intrincados, incluindo cajueiros entrelaçados e pássaros.

A obra apresenta como figuras centrais um violeiro e uma mulher carregando uma cesta de cajus, cercadas por elementos de carnaval como um boi do Bessa, uma burrinha e duas sereias. O violeiro é retratado em movimento, parecendo dançar, pois suas pernas estão em posições diferentes. O corpo da viola que ele toca é redondo, semelhante a um bandolim, e possui uma flor como decoração. A mulher ao seu lado, vestida com uma saia azul e com os cabelos soltos, carrega uma cesta de caju, ao passo que o violeiro está com um chapéu. Geralmente, nas obras de Clóvis Junior, os violeiros sempre usam um chapéu.

Do lado esquerdo do violeiro, existem dois elementos do carnaval: o Boi do Bessa, com um caju no chifre e uma burrinha. Uma pessoa, com os cabelos soltos com uma flor na cabeça, parecendo ser uma mulher, conduz a burrinha. Ao lado dela está uma sereia e uma pessoa brincando com os braços abertos aparece também. Do lado direito do painel, existe outra sereia deitada. Aos pés da mulher, vemos uma pessoa com asas, simbolizando um anjo, também brincando com um outro elemento que parece um pássaro. Como pano de fundo, pode-se ver o mar, a areia, e a vegetação verde. Nesse cenário existem duas jangadas, uma de cada lado das duas figuras centrais. Além disto, existem casas, como se fosse uma cidade, sempre divididos entre as duas figuras centrais. Mais atrás, está o céu estrelado. Em toda a obra aparece essa divisória do céu, do mar, da terra e os elementos que os compõem: vários cajus e árvores entrelaçadas por toda a obra.

Figura 11: O Boi do Bessa do Hotel Manaíra (150 x 540 cm)



Fonte: Foto Amarilis de Rebuá

4.6. Retrato de Mulher (2017) [apenas para registro]

Esta obra não tem nenhuma iconografia musical, porém, como ela não está catalogada no livro de comemoração aos *40 Anos de Arte Naif de Clóvis Júnior*, ela foi inserida neste artigo como forma de registro como uma das Obras de Rua deste autor. São dois painéis com tamanho de 120 x 60 cm, sendo um em tonalidades de azul claro e outro de azul escuro. As duas figuras são diferentes, principalmente a expressão fisionômica e os adereços da cabeça e os colares em volta do pescoço. Os dois adereços de cabeça possuem caju como elemento principal. Esta obra está localizada no Infinity Tambaú Residence, nº 380, na esquina da Rua Helena Meira Lima com a Rua Silvino Lopes.

Figura 12: Retrato de mulher (2017) (120 x 60 cm)



Fonte: Foto Amarilis de Rebuá

4.7. Violeiro e vendedor de Cajú (2019)

O mural do Hotel Annamar Premium, criado em 2019, é notável por suas cores vibrantes e tamanho, com azulejos medindo 30 por 30cm, totalizando 330cm de largura por 180cm de altura. Ele está posicionado de forma que dificulta ser fotografado devido a um corrimão de proteção. Embora seja de vidro, ele interfere na visualização do mural.

Figura 13: Violeiro e vendedor de Cajú (2019) (330 x 180 cm)

Fonte: Foto Amarilis de Rebuá

Este mural apresenta como figura central um vendedor carregando dois balaies de peixes e frutas, apoiados em um suporte de madeira acomodado ao ombro. O gênero desse vendedor é ambíguo devido à sua vestimenta, que inclui uma saia e um chapéu, típicos dos vendedores nas praias do Nordeste do Brasil. Essa saia se confunde com a vestimenta da Sereia que está à sua esquerda e a seus pés. O mural inclui um violeiro canhoto à direita, pássaros tanto no chão quanto voando, e cajueiros entrelaçados nas três figuras principais.

Ao fundo é visível uma igreja representada com uma única torre, um crucifixo e um casario ao lado, semelhante aos conventos existentes junto às igrejas de João Pessoa. Um pouco à frente dessa imagem, distingue-se um cajueiro, duas jangadas e o céu estrelado. A lua, bem imponente e amarela, está localizada atrás da cabeça do vendedor, dando um destaque à essa figura central do mural. Esse violeiro, junto com o vendedor com esses balaies ao ombro, nos remete às lembranças das praias do Nordeste nos anos 90, quando ainda os cantadores andavam pelas praias fazendo repentes para os turistas daquela época. Hoje, esses personagens, não são vistos mais nas praias. Esse mural é um registro do passado que não existe mais.

4.8. Três obras sem datação e uma sem assinatura

Das 11 obras de cerâmica de rua do autor Clóvis Júnior, não foram localizadas data em três delas e em uma falta a assinatura também. Dentre elas, uma é

a obra danificada. A data pode ter sido eliminada quando o mural foi alterado ou o autor simplesmente não colocou a data. Observamos também que é uma obra antiga, pois o tamanho dos azulejos é diferente do que o autor costuma fazer na atualidade. A outra obra sem datação é o painel do HC Hotel, em Manaíra, mas tem a assinatura. Nesta os azulejos já são maiores, indicando ser mais atual.

Porém, a obra Torre em Festa não possui assinatura nem data. Isso não é normal na obra de Clóvis Júnior. Não é possível definir a razão pelo qual isto aconteceu. Pode ter sido no momento de inserir as cerâmicas nessa torre, foi eliminada a última fileira de cerâmicas ao rés do chão, devido à altura da torre. Como ela é muito alta, talvez já estivesse pronta quando colocaram a cerâmica. O cálculo da altura da torre em relação à quantidade de cerâmicas pode ter sido feito errado. Porém, isto são apenas especulações, ficando em aberto a verdadeira razão. Portanto, pela falta da datação e da assinatura, esta obra é atribuída a Clóvis Júnior, embora o estilo e todos os elementos existentes na obra, percebe-se que é dele mesmo.

4.8.1. *Uma festa (obra danificada)*

Originalmente, o mural da Av. Guarabira, em João Pessoa, fazia parte da parede de um restaurante, que foi demolido, deixando o mural exposto. Recentemente, um prédio construído no local, danificou o mural, pois foram inseridos por cima das cerâmicas, os Quadros de Energia da SAELPA (Superintendência de Água e Esgotos da Paraíba). A fotografia completa do mural foi perdida, restando apenas esta visão parcial. O mural não possui moldura, sugerindo que pode ter sido parte de uma obra maior. A assinatura do artista está presente, mas a data, não. É uma obra antiga, pois o autor ainda fazia as cerâmicas com 20x20cm, diferenciando das obras mais recentes que possuem cerâmicas de 30x30cm. O tamanho total desta obra é de 380 x 200 cm.

A figura central é um violeiro destro, ladeado à esquerda, por uma mulher com braços abertos, cercada de peixes com fisionomias humanas, entrelaçada por ramos de cajueiro, e à direita, por uma figura que não pode ser identificada, pois se encontra por trás do quando de energia, e outra mulher segurando um crucifixo com a imagem de Jesus. Ao redor da cabeça desta mulher pode-se ver um chapéu amarelo. Porém, se esta figura de mulher com o crucifixo for identificada como uma Madona, este suposto chapéu passa a ser uma aura brilhante ao redor de sua cabeça.

Em segundo plano, estão duas sereias alegres com braços abertos. Ao fundo é possível identificar uma paisagem urbana de João Pessoa, pois notamos o farol

de Cabo Branco em cima da falésia e as igrejas e casarios do Centro Histórico da cidade iluminado por um céu estrelado, característico das obras deste autor.

Diferente dos outros painéis de rua, este não possui pássaros, mas foram inseridas quatro bolas azuis com listras brancas, elementos únicos ainda não identificados em sua obra.

Figura 14: Violeiro de João Pessoa (380 x 200 cm)



Fonte: Foto Amarilis de Rebuá

4.8.2. Sereias e Violeiros

O mural, em frente ao HC Hotel, é diferente dos outros, principalmente por causa da tonalidade geral da pintura. O autor usa as tonalidades terrosas. Assim, as cores originais do céu, do mar, do rio, da mata, tudo passa a ser marrom, bege, rosa com tonalidade arenosa e assim por diante. Essa pintura cerâmica está distribuída nos quatro lados de uma coluna, sendo que uma parte fica de frente para a entrada do hotel e a outra voltada para a entrada da garagem. As cerâmicas possuem cerca de 30x30cm, aproximadamente, com 180cm de altura por 90cm de largura. Não se pode esquecer as duas faixas laterais da coluna, que é feita com um ladrilho de cerâmica. Se os ladrilhos dessa pintura tivessem sido colocados lado a lado, como um painel, ela teria 180cm de altura por 240cm de largura.

A pintura desta coluna, possui dois lados diferentes. Portanto, como ele é dividido em duas partes, a análise também será realizada separadamente.

Figura 15: Lateral da coluna vista da garagem e assinatura (180 x 90 cm)



Fonte: Foto Amarilis de Rebuá

A parte da coluna que fica na entrada da garagem, pode-se ver o violeiro canhoto, ao centro, com a viola amarela e o chapéu amarelo. Acima de sua cabeça, no céu estrelado e rosado, pode ser vista uma flor azul, ao invés da lua, e na parte lateral da coluna, outra flor amarela. Aos pés do violeiro está uma sereia deitada. Este violeiro é uma figura emblemática e diferente de todos os outros das outras pinturas, porque ele está sentado em um galho do cajueiro e com os pés apoiados na sereia, demonstrando uma intimidade entre eles. Abaixo da sereia estão duas aves, entrelaçadas em cajueiros. As folhas dessas árvores estranhas o pintor desenha, adquiriram cores diversas, como marrom, verde, e amarelo e azul. A parte lateral dessa coluna que fica de frente da rua, é a continuação dessa imagem que está virada para essa lateral da garagem. Nela, no ladrilho ao rés do chão, está a assinatura do autor. Porém, nesta obra Clóvis Júnior não colocou a data ao lado de sua assinatura, uma característica sua.

Figura 16: Lateral da coluna vista da entrada do hotel

Fonte: Foto Amarilis de Rebuá

A parte desta coluna, que fica para o saguão de entrada do hotel, são encontrados os mesmos elementos anteriores, porém, suas posições são um pouco diferentes. A sereia aos pés do violeiro encontra-se com os braços abertos e está acompanhada de um pássaro. Desta vez, instrumento do violeiro, que é destro, possui duas cores diferentes. O corpo bege da viola está decorado com duas flores e o braço é marrom. Junto do chapel amarelo, estão três fachadas de casas, formando uma espécie de coroa em volta da cabeça do violeiro. Não está bem definido o motivo da existência destas fachadas de casas, mas este pequeno detalhe nos remete à existência de uma cidade, que o autor pode ter colocado ali para lembrar. Da mesma forma que o outro lado da coluna, o céu, também está estrelado, porém não tem lua e nem flores no céu. A parte lateral, que fica junto da parede do prédio, é a continuação dessa fachada. Porém, somente quando se observa esta fachada junto com esta lateral, é que se pode perceber uma parte do rabo da sereia, que não é possível ver quando se olha só de frente, levando a confundir com uma parte do ramo do cajueiro.

4.8.3. Temas Variados na Torre do Maison Elysées

Localizado na esquina da rua Sidney Clemente Dore, com a rua Helena Maria Meira, a torre do edifício da Maison Elysées, é uma impressionante torre, muito alta, com 480cm de altura por 160cm de largura, dividida em duas partes de 80cm. As duas partes estão emendadas formando um ângulo reto, e foram instaladas na esquina das duas ruas, de forma que se torna visível seus dois lados ao mesmo tempo.

Figura 17: Torre da Maison Elysées com detalhes separados (480 x 160 cm)



Fonte: Foto Amarilis de Rebuá

Iniciando a análise de cima para baixo, pelo lado esquerdo, a obra apresenta um pássaro azul voando no céu e um violeiro sentado sobre uma criatura imaginária com tentáculos de caju. Logo abaixo, uma figura humana, não muito definida se homem ou mulher, sentada em uma jangada apontando com o braço para o violeiro. Ao seu redor, há criaturas aladas semelhantes a peixes

com fisionomias humanas. Quase no centro desse lado da torre, está uma figura angelical ambígua segurando um pássaro azul. À primeira vista pode ser confundida com um anjo, mas se observar bem, a figura de mulher está abraçada ao pássaro. As asas do pássaro, mais atrás, junto às costas da mulher, transformam-se em asas de um anjo, criando uma ilusão passageira. Abaixo, uma mulher aponta para um grande cajueiro, que simboliza a árvore da vida e ao rés do chão, outra mulher carrega uma criança, representando a Madonna.

Retornando a análise de cima para baixo, pelo lado direito, vemos duas mulheres entrelaçadas com galhos de caju, e ladeadas por dois pássaros estranhos. Uma abaixo da outra, as duas mulheres sorrindo, apontam para o músico violeiro, mantendo uma conexão com a música e a alegria que estão sentindo. Uma terceira figura abraça a lua, cercada pelos galhos do cajueiro. Logo abaixo, uma sereia, com braços abertos em direção à lua. Um pássaro voando olha fixo para a sereia. Para encerrar esta grande festa de rua, uma figura humana, com a cabeça toda enfeitada, monta uma burrinha toda decorada, fazendo alusão às brincadeiras do Carnaval.

Esta obra de arte é descrita como uma peça fantástica e enorme, que capturou a essência de diversos temas incorporado nos vários arquétipos das obras de Clóvis Junior, como pássaros estranhos, figuras angelicais, a árvore da vida e elementos que compõe o Carnaval.

5. Avaliação da Iluminação Noturna em Vários Murais

Um dos objetivos desta pesquisa seria de avaliar as condições de iluminação noturna dos e perceber as diferenças em comparação com seu visual diurno. A maioria das obras de rua de Clovis Junior não possuem qualquer iluminação noturna. Dois hotéis, o HC Hotel e o ANNAMAR Hotel Premium são um exemplo disto, pois deixaram às escuras suas obras de arte. Outros murais possuem iluminação noturna, mas apresentam problemas de reflexo dos holofotes usados em direção às pinturas. Devido à essa precariedade, serão exibidos apenas alguns dos problemas de iluminação encontrados.

5.1. Condições de Iluminação do Mural da UPA Oceania

O mural na UPA OCEANIA é mal iluminado, dependendo principalmente das luzes dos carros que passam, sem iluminação dedicada no próprio mural. Um poste de luz em frente ao estacionamento desta instituição ajuda a iluminar a fachada do prédio aonde se encontra o mural cerâmico, juntamente com as luzes

do saguão de entrada. A pintura pode ser vista melhor quando o sinal de trânsito próximo abre. Com o aumento do fluxo de automóveis, a pintura torna-se visível. Esta foto foi realizada exatamente em um momento como este, caso contrário, seria difícil visualizar com nitidez este mural à noite.

Figura 18: Visão noturna do mural da UPA Oceania



Fonte: Foto Amarilis de Rebuá

5.2. Iluminação do Mural 'Boi do Bessa'

O mural 'Boi do Bessa', localizado no Edifício Oasis Plaza, dividido em duas colunas possui um foco de luz acima de cada coluna, demonstrando a preocupação em deixar visível esta obra durante a noite. Porém, atualmente, apenas um dos pequenos holofotes está funcionando. Uma das luzes está apagada, afetando a visibilidade das imagens, deixando visível apenas parte da obra.

Figura 19: Imagem noturna do Boi de Bessa



Fonte: Foto Amarilis de Rebuá

5.3. Problemas com a Iluminação do Mural SINCREC

O mural SINCREC, que retrata uma 'ciranda', é afetado por uma luz frontal que causa ofuscamento, obscurecendo parte da obra. É possível que se o holofote de luz fosse colocado um pouco acima do local onde se encontra, seria possível melhorar a visibilidade e reduzir o ofuscamento da obra. (Figura 20)

6. Algumas considerações finais

Esta pesquisa buscou identificar as iconografias musicais existentes nos murais cerâmicos de Clóvis Júnior espalhados pela cidade de João Pessoa. Foram identificado o uso de instrumentos como a viola com diversos formatos e cores, inclusive com figuras desenhadas nos instrumentos. Os violeiros, canhotos e destros apareciam sempre executando o instrumento, acompanhados de outros elementos que compunham as devidas obras. Foram identificados determinados padrões de

elementos como animais imaginários, frutas, particularmente o caju e seus cajueiros, peixes com fisionomias humanas, a figura da sereia, o céu estrelado, a lua, o mar, o rio, e outras figuras de homens dançando, vendedores de peixes e frutas, mulheres e a Madona. Muitas vezes a presença de casas antigas, às vezes definidas outras vezes não. Neste turbilhão de cores vivas, verificamos sempre a presença constante de uma alegria contagiante, representada pela música e pelas brincadeiras do Carnaval com a presença do Boi do Bessa e algumas vezes da burrinha. Também no meio desta grande festa de rua, podemos encontrar elementos que fazem alusão à tradicional e muito celebrada Festa de São João, juntamente com outras festas populares comuns.

Figura 20: Visão noturna do mural do SINCREDI



Fonte. Foto Amarilis de Rebuá

7. Referências

ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA PARAIBA. ALPB concede medalha Epitácio Pessoa ao artista plástico Clóvis Júnior. **Notícias**. João Pessoa: ALPB, 2024. Disponível em: <<https://www.al.pb.leg.br/52443/artista-plastico-clovis-junior-recebe-a-medalha-epitacio-pessoa.html>> Acesso em: 30 ago. 2025

CASIMIRO, Luís Alberto. **A anunciação do Senhor na pintura quinhentista portuguesa (1500 -1550) : análise geométrica, iconográfica e significado iconológico**. Universidade do Porto, 2004. <<http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/18025>>

CLOVIS JUNIOR. ART. **Viva O São Joao! 30+30**. Instagran, 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DLQl71BpE6A/?img_index=1> Acesso em 30 ago. 2025

JÚNIOR, Clóvis. **Clóvis Junior, guardião da natureza em viva cor**. Recife, PE: Prazer de Ler, 2023.

MATTOS, Amarilis Rebuá. A iconografia musical nas igrejas do Carmo do nordeste brasileiro: um estudo preliminar. **Anais 2º CBIM**. Salvador, 2015.

PANOFISKY, Erwin. **Significado nas Artes Visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

PANOFISKY, Erwin. **O sentido das artes visuais**. Trad: Maria Clara F. Kncese, 2ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1979.